

uma mudança acentuada na estrutura oligopólica da economia, mediante associação e fusão de grupos empresariais e financeiros, nacionais e estrangeiros. As novas formas de associação do capital tendem a conduzir a um tipo de estrutura oligopólica que supõe um grau muito maior de *abertura externa* das empresas e uma *internacionalização* progressiva dos principais setores da economia".²¹⁷ Adiante: "Finalmente, as novas instituições financeiras que surgem, a partir de 1966, são os Bancos de Investimentos, as sociedades de crédito imobiliário e as associações de poupança e empréstimo, com uma multiplicidade de empresas distribuidoras e corretores de títulos. O número destas novas agências se multiplica rapidamente, a partir de 1968, concomitantemente com uma reanimação sem precedentes das bolsas de valores; no entanto, há indicações de que estão sendo alcançados seus limites de competição e especialização, desde fins de 1969, começando um novo processo de reconcentração, agora sob o controle claro dos mais poderosos grupos financeiros nacionais e internacionais".²¹⁸

A presença do poderoso capital financeiro, comandado do exterior, é um dos sinais mais graves da desnacionalização da economia brasileira. Quando a isso se junta — tendo aparecido antes e crescido mais devagar — a concentração empresarial, na área da produção, também comandada do exterior, realizam-se e completam-se condições em que pode ocorrer a aparente anomalia de *altos índices de desenvolvimento coincidirem com estruturas subdesenvolvidas, mantendo o subdesenvolvimento delas*.²¹⁹ De que deriva o aparente paradoxo? Deriva do fato de

²¹⁷ Maria da Conceição Tavares: *op. cit.*, p. 4.

²¹⁸ Maria da Conceição Tavares: *op. cit.*, p. 10. A autora acrescenta: "Dos 30 bancos de investimento existentes em 1969, 10 tinham ligações explícitas com grupos estrangeiros e, dos demais, todos, à exceção de 4, são originários de fusões ou reorganizações de grupos financeiros, com apoio em velhos bancos comerciais. De fato, as tendências à reconcentração financeira e à formação de novos grupos financeiros, com ou sem articulação com os tradicionais e com o exterior, têm se manifestado claramente, desde 1966, tendo se acentuado ainda antes de que se produzissem as mudanças mais recentes na legislação sobre estímulos às fusões de grupos privados. Na corrida para controlar e expandir o mercado financeiro, o velho sistema bancário privado nacional vem sendo forçado a adaptar-se às novas circunstâncias, mediante uma intensa modernização tecnológica de procedimentos bancários, mas, sobretudo, a buscar apoio na criação ou associação com agências financeiras extra-bancárias, nacionais ou internacionais". (Idem, p. 10).

²¹⁹ Aqui cabe, com oportunidade, a consideração de Celso Furtado a respeito do subdesenvolvimento: "O subdesenvolvimento apresenta-se, assim, desde o início, como uma transformação nos padrões de consumo (mesmo que tal transformação afete apenas uma minoria da população da área em questão) sem que concomitantemente se modifiquem as técnicas de produção. (...) Destarte, a renda que permitiu elevar e diversificar os padrões de consumo decorria essencialmente de *vantagens comparativas* em transações internacionais e apenas secundariamente de transformação nas formas de produzir. (...) A história do subdesenvolvimento consiste, fundamentalmente, no desdobramento desse modelo de economia, em que o progresso tecnológico serviu muito mais para *modernizar* os hábitos de consumo do que para transformar os processos produtivos". (Celso Furtado: *op. cit.*, p. 9/11).